



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

CONSTRUÇÕES DE PREDICADOR VERBAL COMPLEXO NA LINGUAGEM DO
FUTEBOL:
PARA MATAR A BOLA NO PEITO E FAZER UM GOLAÇO NO DISCURSO

Clarissa Fontenlos Figueira

Rio de janeiro

2020

CLARISSA FONTENLOS FIGUEIRA

CONSTRUÇÕES DE PREDICADOR VERBAL COMPLEXO NA LINGUAGEM DO
FUTEBOL:
PARA *MATAR A BOLA NO PEITO* E *FAZER UM GOLAÇO* NO DISCURSO

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Latim.

Orientador: Professora Doutora Márcia dos Santos Machado Vieira

RIO DE JANEIRO

2020

Figueira, Clarissa Fontenlos

Construções de predicador verbal complexo na linguagem do futebol: para matar a bola no peito e fazer um golaço no discurso / Clarissa Fontenlos Figueira. – 2020.

32 f

Orientadora: Márcia dos Santos Machado Vieira.

Monografia (graduação em Letras Português – Latim) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras. Bibliografia: f. 28-30.

1. Gramática de Construções. 2. Verbo (semi)suporte. 3. Gramática de construções. 4. Futebolês. I Figueira/ Clarissa Fontenlos II - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2020. III . Título.

CDD (dado fornecido pela biblioteca)

RESUMO

Esse trabalho possui como objeto de estudo expressões compostas por um verbo-suporte associado a um elemento não-verbal formando, assim, um predicador complexo indicativo de uma jogada esportiva. Alguns exemplos dessas expressões são estruturas como “Fazer um golazo”, “dar um carrinho”, “fazer uma defesa” e “marcar um gol”. Algumas delas são formadas por elementos não-verbais aos quais se associam afixos de grau. O predicador complexo (verbo-nominal) indica um estado de coisas (dinâmico ou não) e, então, seleciona um papel participante ou mais, compatibilizando-se, por força de atração ou de coerção, a uma construção de estrutura argumental (normalmente uma estrutura pessoal que prevê um papel argumental ou mais) para a configuração de uma proposição no mundo psicobiossocial. Mapeamos (i) quais verbos podem atuar nesse tipo de construção; (ii) se há exemplos do que podemos chamar de verbo semissuporte segundo MACHADO VIEIRA (2014) a preencher o slot verbo suporte da construção; (iii) Também descrevemos como se configura o pareamento forma-função das expressões de nossa amostra (iv) como elas se realizam em diferentes contextos e (iv) se há casos de variação. Para isso, examinamos quali-quantitativamente um corpus de 477 dados de expressões licenciadas por essa construção, coletados em textos sobre o futebol e 166 dados coletados em textos de contextos diversos, diferentes do futebol. Com base no referencial teórico da Linguística Funcional-Cognitiva, e da Gramática de Construções Baseada no Uso, nessa análise, exploramos os conceitos de: (i) variação, mudança construcional e construcionalização (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013 (ii) níveis de esquematicidade, produtividade, composicionalidade e contextualidade das expressões (iii) verbos suporte e semissuporte, entre outros.

Palavras chaves: Gramática de Construções; Linguística Funcional-Cognitiva ;predicador verbal complexo; verbo (semi)suporte; futebolês.

ABSTRACT

This research has as object of study expressions composed by a support verb associated with a nonverbal element forming, thus, a complex predicator indicative of a sportive play. Some examples of these expressions are structures such as “fazer um golaço” (something like "make a great goal"), “dar um carrinho” ("disarm the opponent's ball domain with one-legged play"), “fazer uma defesa” ("make a defense") and “marcar um gol” ("score a goal"). Some of them are made up of nonverbal elements which contain degree affixes. The complex (verb-nominal) predicator indicates a (dynamic or not) state of affairs and then selects a participant role or more, matching, by force of attraction or coercion, to a construction of argument structure (usually a personal structure that foresees an argument or more) for the configuration of a proposition in the psychobiosocial world. We map (i) which verbs can act in this type of construction; (ii) if there are examples of what we can call semi-support verb according to MACHADO VIEIRA (2014) to fill the support verb slot of the construction; (iii) We also describe how the form-function pairing of the expressions in our sample are configured (iv) how they are performed in different contexts and (iv) if there are cases of variation. For this, we have qualitatively and quantitatively examined a corpus of 477 expressions data licensed by this construction, collected in texts about soccer and 166 expressions collected in texts from diverse other contexts, different from soccer. Based on the theoretical framework of Functional-Cognitive Linguistics and Usage-Based Constructions Grammar, in this analysis, we explore the concepts of: (i) variation, constructional change and constructionalization (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013); (ii) the degree of schematicity, productivity, compositionality and contextuality of expressions; (iii) support and semi-support verbs, among others.

Keywords: Construction Grammar; Functional-Cognitive Linguistics, complex verbal predicator; verb (semi) support; futebolês (soccer language).

SUMÁRIO

Introdução	Página 7
1. Referencial teórico.....	Página 10
1.1. Verbo suporte e semissuporte.....	Página 10
1.2. Linguística Funcional-Cognitiva	Página 11
1.3. Variação	Página 13
1.4. Habilidades cognitivas de domínio geral	Página 14
1.5. Parâmetros de análise.....	Página 15
1.5.1. Esquematicidade	Página 15
1.5.2. Produtividade	Página 15
1.5.3. Composicionalidade	Página 15
1.5.4. Contextualidade	Página 16
2. Materiais e Método	Página 16
3. Construção de predicação com verbo semi(suporte):	
Principais resultados.....	Página 17
3.1. Exame do Grau de produtividade e	
esquematicidade das expressões.....	Página 17
3.2. Exame do grau de composicionalidade e	
contextualidade das expressões	Página 25
3.3. Mudança, estabilidade e variação	Página 28
4. Conclusão	Página 31
Referências	Página 32

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa trata da análise de dados/constructos de expressões indicativas de uma jogada esportiva formadas por um verbo (semi)suporte associado a um elemento não-verbal (geralmente um elemento nominal), resultando em um predicador complexo que funciona tal qual funciona um verbo pleno ou um predicador verbal simples na configuração da proposição de um estado de coisas. O predicador verbal complexo associa-se a um estado de coisas (dinâmico ou não) e, então, pode selecionar um papel participante ou mais a depender do estado de coisas que conceptualize e compatibilizar-se, por força de atração ou de coerção, a uma construção de estrutura argumental (nos termos de GOLDBERG, 1995 e 2006). Em geral, as expressões registradas na amostra de dados desta pesquisa revelam que esse predicador preenche o *slot* de predicador de estrutura pessoal que prevê um papel argumental ou mais, para a configuração de uma proposição no mundo psicobiossocial, como vemos nos exemplos a seguir:

Exemplo 1: Se mesmo lá há condições de manipular a opinião pública, **dar drible** nas instituições, imagine aqui.

<https://www.valor.com.br/politica/6021857/nucleo-politico-de-bolsonaro-e-de-tutela-e-intimidacao> acesso em 12/05/19

Exemplo 2: Fabiano cruzou na cabeça de Leandro Damião, que finalizou muito bem. O goleiro apareceu para **fazer uma defesaça**.

http://www.gaz.com.br/conteudos/internacional/2018/05/06/119246-inter_perde_por_2_a_0_para_o_flamengo_no_maracana_lotado.html.php acesso em 14/05/18

Exemplo 3: Não, não, vou evitar, vou dar essa moral pra ele (risos). Claro que eu não posso dar mole para os atacantes. Se tiver que **fazer uma faltinha** ali para não tomar gol, vou ter que fazer. Mas eu vou evitar ao máximo tomar esse cartão para dar uma moral para o Cartolouco – brincou o zagueiro do Santos.

<https://globoesporte.globo.com/cartola-fc/noticia/evento-lanca-cartola-fc,-e-david-braz-e-escalado-como-capitao-no-time-oficial.ghtml> acesso em 23/06/18

Sabendo que expressões desse tipo são bastante recorrentes na língua portuguesa, e não só no contexto esportivo, este trabalho de conclusão de curso se propõe a expor resultados de pesquisa sobre predicções com verbo (semi)suporte desenvolvida sob a ótica da Gramática de Construções e da Linguística Funcional-Cognitiva. Dessa forma, objetivamos verificar como essas expressões efetivamente se realizam no discurso (com que atributos formais e funcionais) e como se configuram na rede de pareamentos forma-função (organizados, abstrata e esquematicamente, em construções/esquemas, mesoconstruções/subesquemas e microconstruções) a qual representa a arquitetura do Português. Também fazemos um levantamento dos verbos que costumam atuar no *slot* verbal desse tipo de construção predicante e, então, averiguamos a potencialidade de verbos semissuportes atuarem nelas, além dos verbos suportes. Examinamos, ainda, como essas expressões se configuram em diferentes contextos: se há ou não alteração de valores de atributos formais e/ou funcionais.

Essa proposta de pesquisa é formulada a partir das seguintes hipóteses:

(i) Uma delas é a de que encontraremos uma variedade de verbos atuando nessas construções, uma vez que esse tipo de estrutura verbo-nominal é bastante recorrente na língua como predicador, o que faz com que verbos que normalmente não têm estatuto gramatical atuem tal qual os que têm (verbos suportes, verbalizadores de elementos não-verbais) e são frequentemente acionados por conta da força de coerção da construção com verbo suporte. Também esperamos encontrar exemplos de verbo semissuporte, uma vez que a língua está sempre se atualizando: a interação entre os falantes pode propiciar que estes passem a empregar, em uma expressão de uso comum, verbos que nem sempre costumam ser encontrados com a função de suporte, até para obter ganhos (nuances ou impactos) em termos de expressividade discursiva

(ii) Outra hipótese diz respeito ao fato de o futebol ultrapassar o domínio discursivo do futebol, não só porque existe o potencial de se lançar mão de expressão típica de outra área para algum ganho expressivo, mas também porque muitas expressões nesse domínio estão associadas a jogadas numa disputa de times/equipes e a comunicação (especialmente a de feição argumentativa) envolve disputa entre pontos de vista de interlocutores, por esse motivo, partimos da expectativa de que muitos dados de construções com verbo suporte aqui estudadas serão registrados em situações discursivas de disputa.

(iii) Pressupomos, ainda, que haja a possibilidade de diferença em atributo(s) funcional(is) quando uma expressão do futebol é acionada em texto/discurso fora desse domínio. A contextualidade (GOLDBERG 2016) é um parâmetro que pode afetar a relação de dados a (sub)esquemas ou microconstruções e, assim, ensejar mudança construcional ou até,

se esta alcançar a face formal, servir de gatilho para construcionalização (formação de um novo pareamento – nova forma associada a nova função).

Para esse trabalho, recorreremos ao referencial teórico da Linguística Funcional-Cognitiva e da Gramática de Construções. Dessa forma, trabalharemos com os conceitos de: variação construcional (por similaridade/alternância), mudança construcional, construcionalização; parâmetros de mudança como esquematicidade, produtividade, composicionalidade (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) e contextualidade (GOLDBERG, 2016); e habilidades cognitivas de domínio geral como analogia e chunking. Esses conceitos serão explicados na seção seguinte destinada ao referencial teórico da pesquisa.

Os dados analisados nesta pesquisa foram coletados em diferentes contextos além do contexto de esporte; o contexto esportivo foi aquele em que encontramos um maior número de dados. Para a constituição da amostra de dados, utilizamos a ferramenta de busca do Google para pesquisar ocorrências das expressões em diversos gêneros textuais, como sites de notícias, blogs, comentários feitos em redes sociais, entre outros.

Para a análise dos dados, (i) observamos e descrevemos possíveis variações construcionais, mudanças construcionais e construcionalização. (ii) examinamos o grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade dos dados das expressões estudadas, bem como sua contextualidade; (iii) analisamos a expressividade das construções considerando a relação entre composicionalidade e contextualidade; (iv) fizemos um mapeamento da rede de padrões construcionais de predicadores com verbo (semi)suporte; (v) também foi feito um estudo dos dados considerando os mecanismos cognitivos de analogia e chunking. Essa metodologia utilizada na pesquisa será explicada mais detalhadamente na seção quatro deste trabalho.

Este trabalho, portanto, será organizado do seguinte modo: no primeiro capítulo a partir deste, apresentaremos os principais conceitos presentes no referencial teórico adotado para essa pesquisa; no capítulo dois, apresentaremos os materiais e os métodos utilizados; no capítulo três, apresentaremos os resultados obtidos na análise e as interpretações feitas a partir dos dados analisados; por fim, no capítulo quatro, apresentaremos as conclusões.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1. Verbo suporte e semissuporte

Segundo Machado Vieira (2018, p. 93)

Verbo suporte é o nome dado a usos de formas verbais que operam rotineiramente sobre um elemento não verbal (em geral, um constituinte nominal – substantivo ou adjetivo –, embora seja possível outra configuração) desprovido de sua função primária referencial ou atributiva, conferindo-lhe estatuto verbal e formando com ele uma unidade funcional predicante, ou seja, um predicador complexo.

A partir dessa citação: verbo-suporte é um verbo que se associa a um elemento não verbal para formar, com ele, um predicador complexo. Em uma construção com verbo suporte, portanto, quem seleciona os argumentos presentes na oração em que esse verbo aparece não é o verbo isolado, mas a construção como um todo, isto é, o predicador complexo que é formado pelo verbo suporte associado ao elemento não verbal.

Nas palavras de Machado Vieira (2018, p. 94):

O predicador complexo passa a indicar a estrutura de participantes da predicação verbal. O verbo suporte partilha com o elemento não-verbal (sintagma nominal, sintagma adjetival, sintagma preposicional) a função de determinar o número e a natureza dos papéis participantes, que, por sua vez, se compatibilizarão, no uso, com os papéis argumentais de uma construção gramatical oracional de predicação verbal (pessoal ou impessoal; transitiva ou intransitiva)

Além do verbo suporte, há também o verbo semissuporte, que são verbos que não costumam ocupar a função de suporte, mas, ocasionalmente, devido a fatores como, por exemplo, o contexto, pode ocupar essa função em algumas situações. Tal definição é proposta por Machado Vieira (2014, p.105) nas palavras da autora:

É preciso, então, levar em consideração que há: Construções com verbo que se situa numa categoria fronteira a de verbo predicador do contínuo léxico-gramática, já que, por um lado, tem feição gramatical de verbo suporte (operando sobre um elemento não-verbal, conferindo-lhe papel predicante, e com ele constituindo uma unidade funcional similar a um verbo pleno), mas, por outro, não é tão

rotineiramente mobilizado para a formação regular de novos exemplos de predicadores complexos (uma espécie de verbo semissuporte)

O verbo semissuporte, portanto, ocupa mais rotineiramente a categoria de verbo pleno apesar de ser ocasionalmente acionado como um verbo suporte.

A noção de verbo suporte e semissuporte serão importantes para esse trabalho, pois todos os dados analisados para essa pesquisa são construções que se caracterizam por serem formadas a partir da associação de um verbo (semi)suporte a um elemento não-verbal.

1.2. Linguística Funcional-Cognitiva

A principal base teórica desse trabalho é a Linguística Funcional-Cognitiva que foi concebida a partir do alinhamento de conceitos do funcionalismo norte-americano e da linguística cognitiva. Nessa perspectiva, podemos dizer que a LFC corresponde a uma tendência mais atual do funcionalismo norte-americano, que, além de enfrentar problemas de ordem discursivo-pragmática, passa a voltar-se para questões de conceptualização, questões cognitivas e a entender que mecanismos cognitivos gerais estão também na base da aquisição e uso de língua.

Inicialmente, a linguística funcionalista trabalhou muito com o conceito de **gramaticalização**, realizando estudos que tinham o item como foco. Podemos entender gramaticalização, nesse contexto, como sendo o processo em que um determinado item lexical se torna gramatical ou um item menos gramatical se torna ainda mais gramatical, como explica Traugott:

Grammaticalization is seen as “the process whereby lexical material in highly constrained pragmatic and morphosyntactic contexts is assigned grammatical function, and, once grammatical, is assigned increasingly grammatical, operator-like function” (TRAUGOTT, 2003: 645 *apud* DIEWALD, 2006)

A gramaticalização, portanto, é um processo que está ligado a fatores contextuais e pragmáticos, ou seja, é observado a partir da língua em uso, e focaliza um determinado item em certa configuração contextual e cotextual.

Com o avanço das pesquisas na área, surge, uma nova tendência para as pesquisas funcionalistas, que passam a voltar-se para a gramaticalização de construções (TRAUGOTT, 2008) e, então, para a mudança por construcionalização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013)

Tal perspectiva teórica trabalha com pressupostos de que a língua emerge do uso, e é fruto do processo desencadeado por atividades comunicativas, sociais e cognitivas. Dessa forma, o sistema linguístico se organiza a partir da experiência de uso ou processamento/percepção, a partir das instâncias produzidas/recebidas pelos falantes. Logo, a representação cognitiva da arquitetura de uma língua emerge do uso linguístico e tem como unidade a construção, ou seja, um pareamento forma-função, configurada segundo diferentes graus de esquematicidade, produtividade e composicionalidade e em relação com outras construções, formando uma rede construcional. Essa arquitetura compreende generalizações que ficam estocadas na mente dos indivíduos de uma comunidade linguística, e que dizem respeito aos fenômenos de estabilização, mudança construcional ou construcionalização.

A construcionalização é compreendida como um processo que resulta na criação de um novo pareamento de forma e função, isto é, resulta na criação de uma nova construção ou nó na rede construcional. A criação dessa nova construção é acompanhada de mudanças no grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Esse processo ocorre a partir de uma série de micro-etapas de mudança e, portanto, é sempre gradual.

Constructionalization is the creation of formnew–meaningnew (combinations of) signs. It forms new type nodes, which have new syntax or morphology and new coded meaning, in the linguistic network of a population of speakers. It is accompanied by changes in degree of schematicity, productivity, and compositionality. The constructionalization of schemas always results from a succession of micro-steps and is therefore gradual. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p.22)

Como explica Traugott e Trousdale, portanto, para que ocorra o processo de construcionalização é preciso que haja mudanças tanto na forma (morfológica, sintática, lexical, prosódica, fonético-fonológica) e no sentido (na função semântica, discursiva, pragmática, social, cognitiva) resultando na criação de uma nova construção que é o que configura o processo de construcionalização.

Além da construcionalização, a Linguística Funcionalista atual também trabalha com outro conceito de mudança conhecido por mudança construcional. A mudança construcional, se caracteriza por alterações que afetam traços, ou características, de construções já existentes. Tais mudanças podem ocorrer tanto no nível da forma como no nível da função, mas nunca nos dois simultaneamente. “A constructional change is a change affecting one internal

dimension of a construction. It does not involve the creation of a new node.” TRAUGOTT; TROUSDALE (2013, p. 26)

A principal diferença entre a construcionalização e a mudança construcional, portanto, é que a construcionalização resulta na criação de uma nova construção e a mudança construcional não.

Fried (2013) destaca que uma vantagem de se trabalhar com uma análise construcional tem a ver com a dimensão holística da mudança, isto é, o foco da pesquisa está no padrão como um todo e não apenas no item. “The readily obvious advantage of a constructional analysis has to do with the ‘holistic’ dimension of change, i.e. the focus on the pattern as a whole.” (FRIED, 2013: p.5)

A **construção**, nesse sentido, é compreendida como um pareamento simbólico de forma e sentido e é realizada por meio de **constructos**, isto é, o uso real de uma determinada construção pelo falante. Fried (2013) faz a seguinte distinção entre construção e constructo:

Constructions are “pieces of grammar” (Kay & Fillmore 1999: 2), while constructs are actual physical realizations of constructions, i.e. utterance-tokens (words, phrases, sentences) that instantiate constructions in discourse. A construction is thus a generalization over constructs. (FRIED, 2013: p. 5)

Como explica Fried (2013), é preciso distinguir o uso real, isto é, o constructo, das generalizações feitas a partir desses constructos, ou seja, a construção que é uma abstração/representação teórico-explicativa feita a partir do uso real.

1.3. Variação

Em estudos funcionalistas, nem sempre a variação é muito investigada, por esse motivo, alguns autores têm discutido o papel do fenômeno de variação na Linguística Funcional Cognitiva. Machado Vieira (2019) destaca a importância de uma reestruturação metodológica em trabalhos que utilizem como referencial teórico a LFC para que se possa dar conta adequadamente de casos de variação que ocorrem na experiência de uso.

De acordo com Machado Vieira (2019, p. 158) “dados dos usos (cf. MACHADO VIEIRA, 2016) sinalizam a potencialidade de convivência estável entre variantes (sem indício de um processo de mudança em curso”. Tais resultados, portanto, revelam a necessidade de se trabalhar com variação em pesquisas funcionalistas.

Nesse sentido: “Pode-se conceber a variação com base em relação de similaridade (por comparabilidade, alinhamento, sinonímia “imperfeita”), que é traçada pelos falantes e/ou é ensejada por conta de links de herança/instanciação.” (MACHADO VIEIRA, 2019: p.160)

A variação a ser levada em conta nesse trabalho, portanto, é definida como a similaridade entre construtos e alinhamento funcional entre microconstruções que ocorre a partir de analogia.

1.4. Habilidades cognitivas de domínio geral

Como, da perspectiva da LFC, os seres humanos não possuem um dispositivo inato específico para a linguagem, o que nos permite adquirir uma língua são os mecanismos cognitivos inatos exclusivos dos seres humanos e não exclusivamente usados para a linguagem. Esses mecanismos são conhecidos como “habilidades cognitivas gerais”. Essas habilidades são: Analogia, memória rica, categorização, *chunking* e associação transmodal. Para esse trabalho, é relevante destacar, principalmente, os conceitos de analogia e *chunking* ou encadeamento.

Segundo Bybee (2010) entendemos por *chunking* ou encadeamento, o processo pelo qual sequências de unidades passam a ser entendidas como um todo, isto é, uma estrutura complexa.

Para que uma construção se torne um *chunk*, que é resultado de um *chunking*, isto é, “sequências de material linguístico armazenadas e acessadas como um todo” (BYBEE, 2010), deve haver uma frequência de uso dessa estrutura para que ela se torne uma forma cristalizada e seja entrincheirada na memória. Bybee também afirma que o *chunking* é um mecanismo primário que leva à formação de construções. Nas palavras da autora: “Chunkings comes about through repetitions, common words combinations are more easily accessed as a whole rather than through word-by-word access.” (BYBEE, 2017: p. 148.)

Bybee afirma, portanto, que esse processo ocorre, uma vez que combinações de palavras são mais facilmente acessadas como um todo do que acessamos palavra por palavra. Esse mecanismo é o que chamamos de *chunking*.

A **analogia**, por sua vez, também é apresentado por Bybee, segundo a autora, “analogia se refere ao processo pelo qual o usuário passa a usar um novo item numa construção” (BYBEE, 2010). Portanto, analogia pode ser entendida como um processo que permite que novas estruturas sejam criadas por meio da comparação com estruturas já criadas

anteriormente em outros contextos discursivos. A associação potencializa o acionamento de novas possibilidades.

1.5. Parâmetros de análise

Tendo em vista que a linguística funcional-cognitiva estuda questões relacionadas a mudança construcional e construcionalização, a análise da esquematicidade, produtividade, composicionalidade e contextualidade é de grande importância para pesquisas que seguem tal referencial teórico, uma vez que esses fatores nos permitem mapear a rede de padrões construcionais dos dados estudados e fazer uma análise dos processos de construcionalização e mudança construcional nesses dados. A seguir, veremos o que são esses quatro fatores segundo Traugott; Trousdale (2013) e Goldberg (2016).

1.5.1. Esquematicidade

A esquematicidade diz respeito ao grau de abstração de uma construção. Está relacionado aos padrões abstratos que licenciam os construtos utilizados pelos falantes. Todo construto que é encontrado na língua é a realização de uma construção licenciada por um padrão mais esquemático. Esses padrões apresentam diferentes níveis de abstração.

O nível mais esquemático é chamado de *esquema construcional* ou *Macroconstrução*, em seguida, com um menor grau de abstração e maior grau de preenchimento, há outro nível chamado *subesquema* ou *mesoconstrução*, entre o subesquema e o construto há ainda outro nível de abstração chamado de *microconstrução* que corresponde ao nível abstrato mais preenchido. São as microconstruções que licenciam os construtos que correspondem aos usos efetivos pelos falantes.

1.5.2. Produtividade

Outro fator a ser observado nas pesquisas realizadas com base nas gramáticas de construções é a produtividade. A produtividade é o fator que nos revela a possibilidade de preenchimento de um slot e a frequência com que novos construtos podem ser gerados pelos esquemas construcionais.

1.5.3. Composicionalidade

O terceiro fator aqui abordado é a composicionalidade. A composicionalidade também é um fator gradiente e diz respeito ao grau de transparência entre a construção e as partes que a compõe. Quando o significado da construção pode ser compreendido a partir da soma dos significados das partes, trata-se de uma construção com alto grau de composicionalidade. Quando o significado da construção não corresponde à soma do significado das partes que a compõe, trata-se de uma construção com um baixo grau de composicionalidade.

1.5.4. Contextualidade

Por último, a contextualidade é um fator mencionado no trabalho de Goldberg (2016) e diz respeito às interferências (até poderosas) de fatores contextuais e conhecimento partilhado propiciado pelo contexto na significação das construções. Goldberg (2016) adverte sobre a possibilidade de uma língua ser encarada como uma rede de construções cujo significado destas não reside inteiramente ou necessariamente na expressão (verbal) delas, tendo em vista expressão num elemento/“sinal” construcional como fator que promove que o significado de uma instanciação seja socialmente compartilhado, uma vez que a língua em si normalmente oferece apenas pistas incompletas para a interpretação geral da sentença. Afinal, uma língua está também configurada por subespecificações conceituais, vagueza, elipses, não-explicitação de pensamentos ou intenções de interpretação.

2. MATERIAIS E MÉTODO

Para essa pesquisa, foi considerado um total de **643** dados coletados em diferentes domínios discursivos. Desse total, **477** dados foram coletados dentro do contexto esportivo e **166** foram coletados fora desse contexto. Dentre os dados coletados fora do contexto esportivo, os principais temas encontrados foram relacionados à política, sendo encontrados também outros temas como cinema, relacionamento e escola.

A coleta foi feita em sites de notícias de temas diversos, blogs e espaços destinados a comentários em blogs e redes sociais. Para essa coleta foi utilizada a ferramenta de busca do Google, dessa forma, procedemos da seguinte maneira: pensávamos em uma possível construção e procurávamos dados com essa expressão selecionando todas as notícias, comentários e matérias em sites em que a construção procurada ocorria. Outra forma de buscar esses dados foi acessando diretamente blogs relacionados ao futebol e procurando dados a partir da ferramenta de busca do navegador. Tivemos de fazer também por busca de

expressão para poder constituir uma amostra com um número expressivo de dados. Lendo e procurando texto a texto, esbarramos na dificuldade de reunir uma amostra significativa de dados, particularmente quando tivemos de lidar com essa pesquisa fora do domínio do esporte, o que nos levou à percepção de que, recorrendo apenas ao segundo procedimento, o trabalho de exame de dados fora do domínio esportivo seria, em certa medida, inviabilizado por conta da diferença de quantidade de dados

Com a finalidade de auxiliar na análise dos parâmetros de produtividade e esquematicidade e no mapeamento da rede de padrões construcionais, encontrados nos dados analisados na pesquisa, foram montados dois tipos de tabelas. O primeiro, apresenta todos os verbos que puderam ser encontrados nas construções estudadas exercendo a função de verbo (semi)suporte. O segundo nos revela a produtividade de compatibilização de lexemas verbais aos slots nas construções em questão. Devido à alta produtividade de compatibilização de verbos e elementos não verbais detectadas nos dados estudados, esse segundo tipo de tabela mostra apenas um recorte do material, revelando apenas as construções mais produtivas.

Ainda buscando examinar os parâmetros de produtividade e esquematicidade das expressões, foi feito um mapeamento da frequência e da extensibilidade de microconstruções (frequência type) e da frequência dos construtos (frequência token) licenciados por essas microconstruções. Além disso, elaboramos também um esquema que mostra os padrões construcionais abstratos que licenciam as tais expressões.

Fizemos, também, uma análise do grau de composicionalidade das expressões em diferentes contextos a partir da comparação de diversos dados. Por fim, buscamos observar e descrever os casos em que ocorria possíveis mudanças construcional, construcionalização e variação.

3. CONSTRUÇÃO DE PREDICAÇÃO COM VERBO (SEMI)SUPORTE: PRINCIPAIS RESULTADOS

3.1. Exame do grau de produtividade e esquematicidade das expressões:

Analisando-se a potencialidade de preenchimento do *slot* verbal da construção com verbo (semi)suporte por contexto (dentro e fora do domínio discursivo do futebol), os dados da amostra coletada distribuem-se por padrões construcionais mais frequentemente preenchidos pelos verbos indicados na tabela a seguir:

No contexto esportivo	Fora do contexto esportivo
Fazer (269) (Fazer gol) 56,3%	Fazer (76) (Fazer pedalada) 45,7%
Dar (54) (Dar passe) 11,3%	Dar (30) (Dar cartão Vermelho) 18,1%
Marcar (50) (Marcar gol) 10,4%	Bater (17) (Bater bolão) 10,2%
Cobrar (27) (Cobrar falta) 5,6%	Marcar (12) (Marcar gol de placa) 7,2%
Sofrer (20) (sofrer gol) 4,2%	Pendurar (7) (Pendurar as chuteiras) 4,2%
Tomar (18) (tomar gol) 3,7%	Jogar (5) (Jogar para escanteio) 3%
Levar (15) (Levar gol) 3,1%	Levar (4) (Levar carrinho) 2,4%
Pendurar (13) (Pendurar as chuteira) 2,7%	Colocar (4) (Colocar para escanteio) 2,4%
Bater (8) (Bater uma bolinha) 1,7%	Tomar (3) (Toar cartão vermelho) 1,8%
Colocar (1) (colocar para escanteio) 0,2%	Mostrar (3) (Mostrar cartão vermelho) 1,8%
Meter (1) (Meter golzinho) 0,2%	Arriscar (1) (Arriscar drible) 0,6%
Pintar (1) (Pintar um golzinho) 0,2%	Deixar (1) (Deixar de escanteio) 0,6%
Total: 477	Levantar (1) (Levantar bola) 0,6%
	Passar (1) (Passar cartão vermelho) 0,6%
	Matar (1) (Matar no peito) 0,6%
	Total: 166

Tabela 1: Distribuição percentual dos dados por verbo (semi)suporte nos dois domínios discursivos examinados.

Em azul, estão os verbos encontrados a partir dos dados coletados no domínio esportivo e, em rosa, estão os verbos encontrados a partir dos dados coletados fora desse domínio. Em ambos os domínios, o verbo *fazer* e *dar* foram os mais produtivos. São esses dois verbos também mais vezes referidos quando a intenção é ilustrar a categoria de verbo suporte (cf., por exemplo, (MATEUS et al, 2003; RAPOSO et al., 2013; MACHADO VIEIRA, 2018).

Ao lado de cada verbo, é apresentada, como exemplo, a expressão que mais vezes é registrada no *corpus*. Assim, é possível observar a frequência de ocorrência de cada verbo separadamente a se compatibilizar na construção com verbo (semi)suporte, bem como o padrão construcional. A partir desses procedimentos, pudemos observar a ocorrência de verbos suporte e semissuporte, nos dados observados, e estabelecer um contínuo no qual alguns verbos se apresentavam mais claramente ligados à categoria de verbo suporte e outros menos, com estatuto semissuporte. Os exemplos 4 e 5 ilustram as duas construções mais frequentes nos dois domínios discursivos.

Exemplo 4: Alex: Em momento algum. O que queríamos era **fazer gol** no Maracanã. É claro que logo após a partida todos lamentam a perda de uma vantagem maior. Mas depois, com a cabeça mais fria, você consegue ver que o primeiro objetivo que era obter a vantagem tinha acontecido. <https://www.hojeemdia.com.br/esportes/o->

t%C3%ADtulo-do-cruzeiro-de-tetracampe%C3%A3o-da-copa-do-brasil-em-2003-contado-por-alex-1.561283 acesso em 28/09/17

Exemplo 5: “Fundeb e dinheiro dos Municípios não vamos pedalar. Eu garanto. Não vamos **fazer pedaladas**. Passei essa determinação expressa ao atual secretário de Fazenda Rogério Gallo”, afirmou Mendes em entrevista nesta semana. <https://www.midianews.com.br/politica/nao-vamos-dar-pedaladas-fundeb-e-municipios-terao-repasses/342253> acesso em 22/05/19

Como a definição de verbo semissuporte está diretamente relacionada à frequência de ocorrência do item verbal que aparece ocupando o *slot* com a função de verbo suporte e, portanto, é mais corriqueiramente atraído para esse *slot*, podemos dizer que *dar* e *fazer*, assim como já apontava nossa hipótese, se mostraram os mais frequentes. Além disso, são esses verbos os que se revelam mais esvaziados de especificidade semântica, sem falar no fato de que são os que operam, noutras construções, também com outros perfis gramaticais (tais como o de verbo (semi)auxiliar em estruturações como “dar de Vinfinitivo” ou “fazer Vinfinitivo”). São, por assim dizer, os verbos mais em consonância com o estatuto de verbo suporte. Por outro lado, verbos como *bater*, *cobrar*, e *sofrer* se mostraram bem menos frequentes e, portanto, embora também sejam acionados para preencher a construção de predicado verbal complexo, fazem-no numa condição diferente: como semissuportes. Não são normalmente associados de imediato a algum grau no contínuo verbo predicator/de conteúdo–verbo suporte/procedural (verbalizador de elemento de partida não-verbal), mas, ao ocorrerem nessa construção, são alinhados àquele, como um tipo de recurso de contorno menos nitidamente instrumental.

Esse resultado confirmou nossa hipótese de que haveria verbos semissuportes no *corpus* estudado, uma vez que expressões esportivas com verbo (semi)suporte são muito recorrentes na língua em uso e, justamente por conta dessa produtividade, está constantemente sendo alvo de inovação, está sujeita a outras alternativas de preenchimento, haja vista a representação de predicado verbal complexo enraizada na mente do falante.

Tendo em vista tais resultados e considerando que a definição de verbo semissuporte não se refere a uma categoria fechada, podemos estabelecer o seguinte contínuo a partir dos dados analisados:

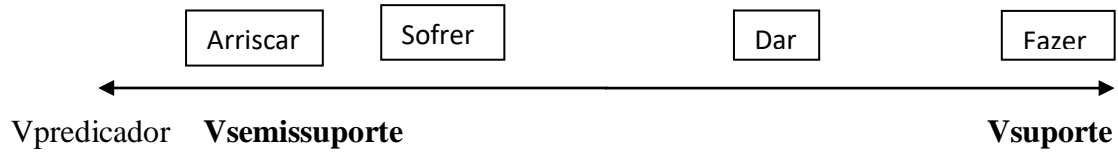


Figura 1: Concepção gradual da categorização verbal baseada na frequência token de acionamento de item verbal para a construção de predicador complexo.

No esquema representado pela figura dois, à direita encontram-se os verbos que mais se alinham à definição de verbo suporte, no caso, *fazer* e *dar*. O verbo *dar*, entretanto, por ser bem menos recorrente que o verbo *fazer*, aparece mais próximo ao meio do contínuo, mas ainda posicionado mais à direita. À esquerda, encontram-se os verbos que mais se alinham à definição de verbo semissuporte, para exemplificar essa categoria, na representação acima, temos os verbos *sofrer* e *arriscar* que ocorrem, no *corpus*, com uma frequência bem menor se comparada à dos verbos *fazer* e *dar*.

Direcionando a análise agora para o *slot* de elemento não-verbal, podemos observar, nas tabelas a seguir, a compatibilização de alguns dos verbos apresentados na tabela 1, com os elementos não-verbais mais frequentes no *corpus*.

Dados coletados no contexto esportivo

	gol	defesa	cera	XaY	jogada	Drible	Cruzamento	golão	Cartão vermelho	passe	Pênalti	Escanteio	falta	golzinho
Fazer	52	37	22	17	17	13	14	9					11	
Dar						4				9				
Marcar	35							5			3	1		
Cobrar											5	6	10	
sofrer	10										1		3	
Tomar	11								5					
Levar	6								3					
Bater											2			
Cavar											1		4	
Meter														1
Pintar														1

Tabela 2: Frequência de compatibilização de lexemas ao *slot* de elemento não-verbal por verbo (semi)suportemais produtivo em [V(semi-)suporte + elemento não-verbal]_{predicador verbal complexo}

Na tabela acima, foram levados em consideração apenas os dados encontrados dentro do domínio esportivo. Na vertical, estão listados os verbos mais recorrentes e, na horizontal, os elementos não-verbais que mais recorrentemente se combinam aos verbos. Os números correspondem à quantidade de vezes que cada expressão $V(\text{semi})\text{suporte} + \text{elemento não-verbal}$ foi encontrada.

(Dados coletados fora do contexto esportivo)

	pedalada	gol	firula	jogada	defesa	joginho	drible	Cartão vermelho	Cartão amarelo	bolão	Pênalti	escanteio	Gol de placa
Fazer	15	10	9	7	6	4	4						3
Dar	1						8	12	2				
Marcar		3										1	6
Tomar							1	2					
Levar								1	1				
Bater										5	5	3	

Tabela 3: Frequência de compatibilização de lexemas ao *slot* de elemento não-verbal por verbo (semi)suportemais produtivo em $[V(\text{semi-})\text{suporte} + \text{elemento não-verbal}]_{\text{predicador verbal complexo}}$ (fora do contexto esportivo)

A tabela 3 está organizada da mesma forma que a anterior. A diferença é que nessa foram considerados apenas os dados encontrados fora do domínio esportivo. Em vermelho estão destacados os elementos não-verbais que se repetem nas duas tabelas e em laranja os verbos que se repetem nas duas tabelas.

Observando as duas tabelas apresentadas acima, nota-se que, dependendo do domínio discursivo, alguns verbos são mais comuns que outros. Observa-se, também, uma mudança em relação ao termo não-verbal mais compatível com cada verbo: o verbo *fazer*, por exemplo, no contexto esportivo, como ilustrado no exemplo 6, se encontra muito mais vezes combinado com o nome “gol” enquanto, fora desse contexto, como ilustra o exemplo 7, o mesmo verbo se encontra mais frequentemente combinado com o nome “pedalada”.

Exemplo 6: Já a Ponte chegou a **fazer um gol**, ou melhor, viu David Braz **fazer um gol contra**, mas havia um atacante em impedimento e que participou do lance, o que justificou a anulação, ainda nos 45 minutos iniciais.

<https://blogdojuca.uol.com.br/2017/06/santos-empata-com-a-ponte-mas-mereceu-vencer/> acesso em 18/06/17

Exemplo 7: O relatório aponta ainda que a agência **fez “pedaladas”** das obrigações que havia imposto às operadoras, trocando metas vencidas e não cumpridas por novas, sem que houvesse punição. <http://g1.globo.com/economia/noticia/2016/09/anatel-fez-pedaladas-em-fiscalizacao-contra-empresas-de-telefonia-diz-tcu.html> acesso em 05/10/17

Os esquemas analisados a seguir (figuras 2, 3, 4 e 5) mostram um mapeamento da frequência e da extensibilidade de microconstruções (frequência type) e da frequência dos construtos (frequência token) licenciados por essas microconstruções. A partir da análise desses esquemas, podemos analisar mais detalhadamente os parâmetros de produtividade e esquematicidade dos dados em questão.

(Dados coletados no contexto esportivo – principais verbos)

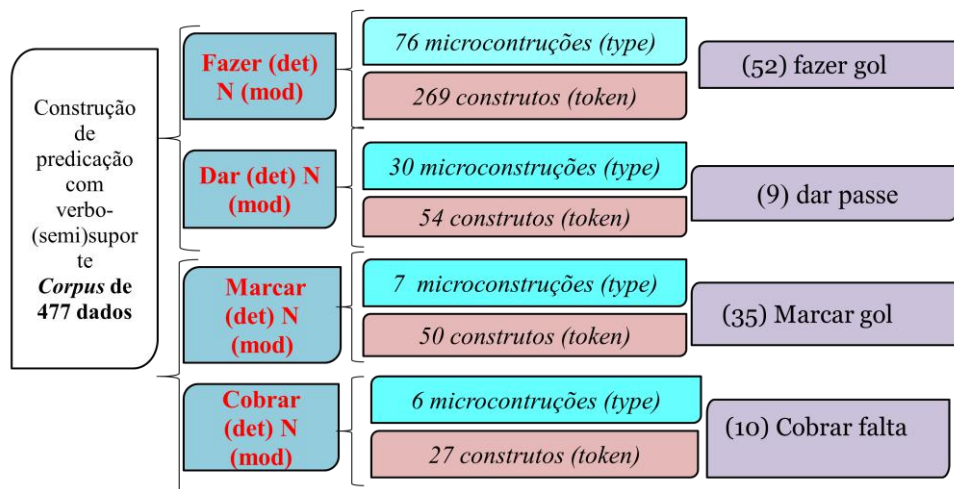


Figura 2: Construção de predicação com verbo-(semi)suporte) no contexto esportivo parte 1.

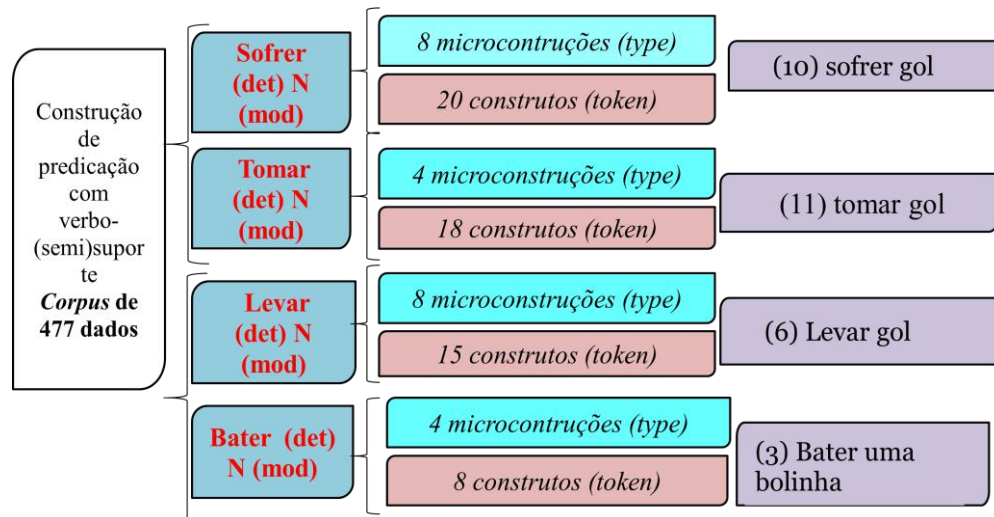


Figura 3: Construção de predicação com verbo-(semi)suporte) no contexto esportivo parte 2.

(Dados coletados fora do contexto esportivo – principais verbos)

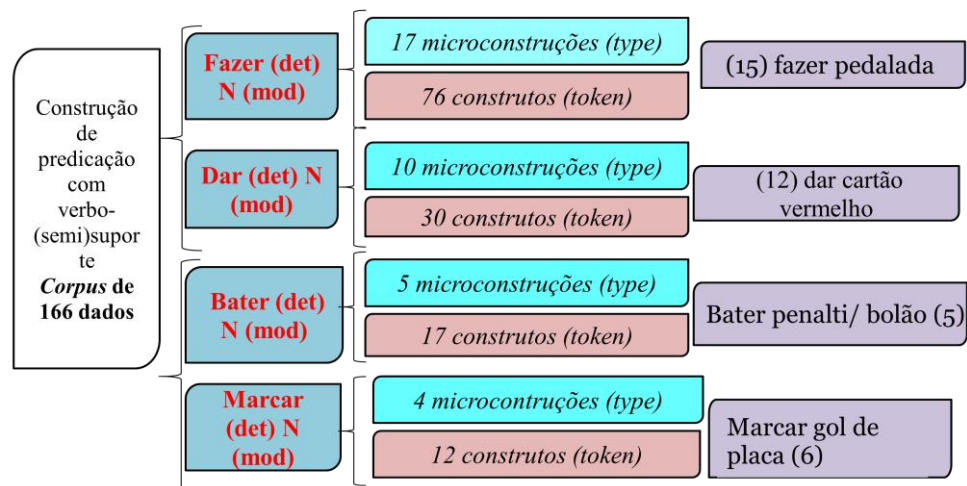


Figura 3: Construção de predicação com verbo-(semi)suporte) fora do contexto esportivo parte 1.

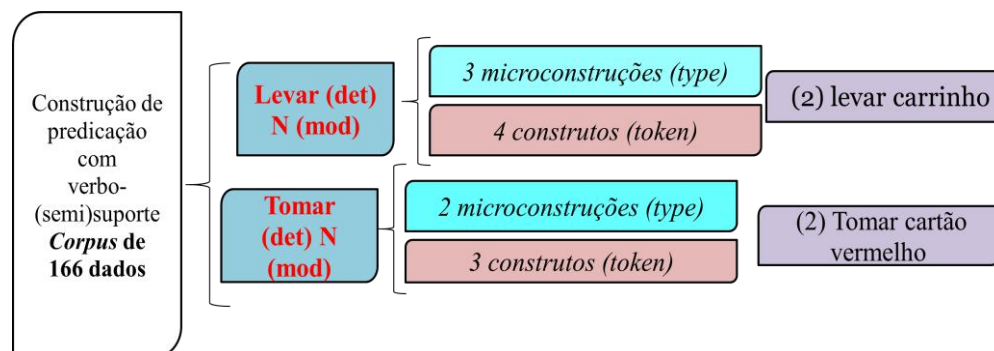


Figura 4: Construção de predicação com verbo-(semi)suporte) fora do contexto esportivo parte 2.

Podemos observar, a partir dos esquemas acima, a frequência de ocorrência dos principais verbos estudados e os padrões construcionais que licenciam as construções em questão. Cada microconstrução representa uma abstração que licencia a realização dos construtos estudados. Tomando como exemplo a microconstrução “fazer gol”, observamos que esta licenciou cinquenta e dois construtos do *corpus* analisado.

A microconstrução representa o padrão construcional mais substantivo, ainda abstrato e esquemático, mas já com o maior grau de preenchimento possível. Há, portanto, níveis ainda mais abstratos que licenciam as microconstruções observadas no esquema acima.

Analisando somente os dados encontrados dentro do contexto esportivo (477 dados), dentre os verbos suportes (*fazer* e *dar*), o que mais se destacou foi o verbo *fazer* com 269 construtos que foram gerados por setenta e seis microconstruções diferentes. A microconstrução mais produtiva foi “fazer gol” com cinquenta e duas ocorrências. Em segundo lugar, ficou o número de dados envolvendo o verbo *dar*, que ocorreu em cinquenta e quatro construtos, licenciados por trinta microconstruções.

Dentre os semissuportes, o mais produtivo foi o verbo *marcar* com cinquenta e quatro construtos gerados a partir de trinta microconstruções diferentes. A microconstrução mais recorrente referente a esse verbo foi “marcar gol” com nove ocorrências. Em segundo lugar, encontramos o verbo *cobrar* que ocorreu em vinte e sete construtos licenciado por seis microconstruções.

A partir da análise dos dados coletados fora do domínio esportivo (166 dados), o verbo suporte *fazer* também foi o mais produtivo, sendo observado em setenta e seis construtos que foram licenciados por dezessete diferentes microconstruções. Em segundo lugar, também apareceu o verbo *dar* que ocorreu um total de trinta vezes em construtos licenciados por dez microconstruções distintas.

Dentre os verbos considerados semissuportes encontrados nesse contexto, o mais produtivo foi o verbo *bater* que ocorreu em dezessete construtos, licenciados por cinco microconstruções. Em seguida, observamos o verbo *marcar* que apareceu em doze construtos, licenciados por quatro microconstruções.

O construto mais produtivo com o verbo *fazer* encontrado nesse contexto foi a expressão “fazer pedalada” que ocorreu quinze vezes. Com o verbo *dar*, foi a expressão “dar cartão vermelho” a mais produtiva que ocorreu doze vezes. Com o verbo *bater*, as mais produtivas foram as expressões “bater pênalti” e “Bater um bolão” que ocorreram cinco vezes cada uma e, com o verbo *marcar*, a expressão mais produtiva foi “marcar gol de placa” que foi encontrada seis vezes.

Como já mencionado, todas as microconstruções observadas até aqui, nas figuras 2, 3, 4 e 5, foram licenciadas por padrões construcionais ainda mais abstratos. A seguir, podemos observar outro esquema (figura 5) que nos ajuda a compreender melhor os níveis mais abstratos que licenciam tais microconstruções.

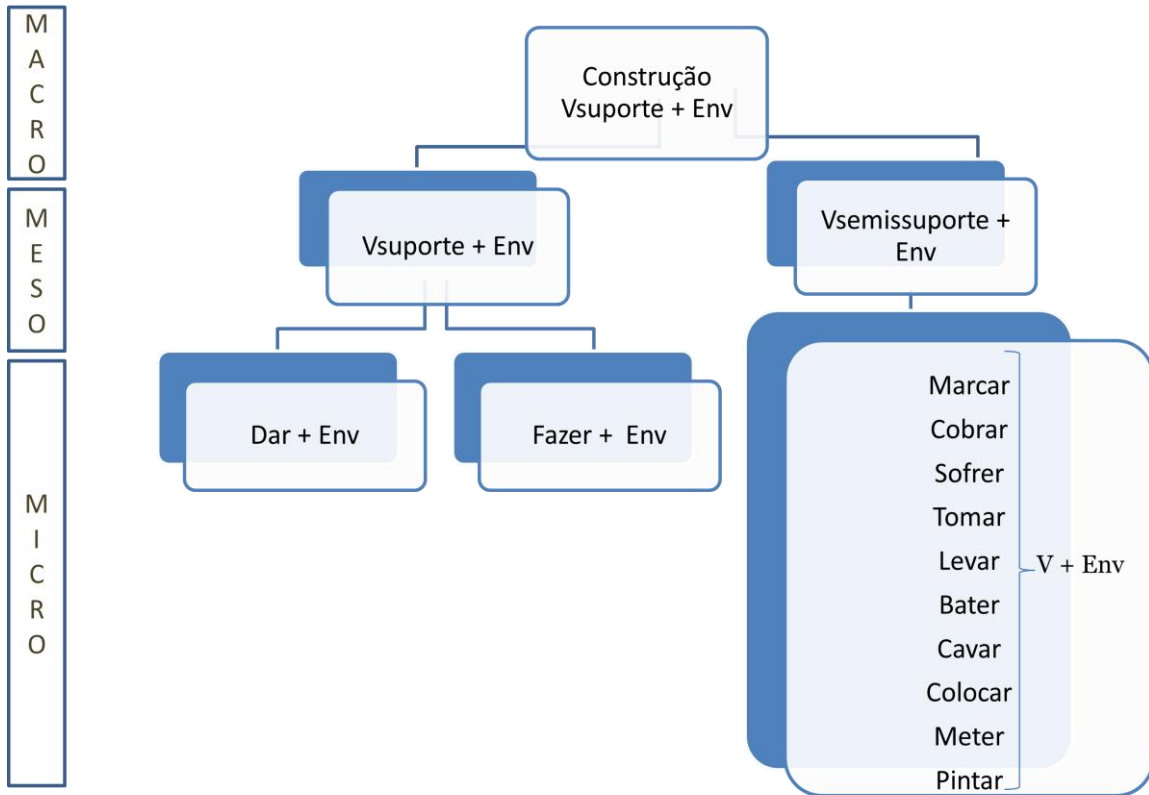


Figura 6: Rede de padrões esquemáticos abstratos que licenciam as construções.

A partir do esquema acima (figura 6), observamos que as microconstruções estudadas são licenciadas pela mesoconstrução representada por um verbo suporte mais um elemento não verbal, ou pela mesoconstrução representada por um verbo suporte mais um elemento não verbal. Essas duas mesoconstruções, por sua vez, são licenciadas por uma macroconstrução representada pela associação de um verbo com estatuto de verbo suporte a um elemento não verbal.

3.2. Exame do grau de composicionalidade e contextualidade das expressões

Ao analisar os dados segundo os parâmetros de composicionalidade e contextualidade, observamos que o grau de composicionalidade de uma mesma expressão difere a depender do contexto. No caso dos dados analisados nesta pesquisa, os dados das expressões encontradas

no contexto esportivo se revelaram, em alguns casos, mais composicionais ou menos se comparados a dados da mesma expressão encontrada em outro domínio discursivo.

No caso da expressão “dar cartão vermelho”, por exemplo, podemos observar essa mudança do grau de composicionalidade devido à diferença de contexto. Quando usada dentro do contexto esportivo, essa expressão possui um menor grau de composicionalidade se comparada ao grau de composicionalidade que a mesma expressão possui quando usada no contexto político, por exemplo.

Podemos observar melhor essa variação no grau de composicionalidade a partir dos seguintes exemplos:

Exemplo 8: Depois do gol, a arbitragem analisou o lance desde sua origem com o uso do Árbitro de Vídeo e, além de confirmar o tento, ainda viu lance de falta onde Léo Sena acabou pisando com a ponta do pé na mão de Rithely e decidiu **dar cartão vermelho** para o atleta do Goiás. <https://www.lance.com.br/brasileirao/goias-com-menos-virada-bate-internacional-serra-dourada.html> acesso em 05/01/2020

Exemplo 9: Mas os que **deram cartão vermelho** para a autora devem ter se arrependido: a quadrinista foi a mais premiada em 2018, levando as principais categorias...<https://www.folhape.com.br/diversao/diversao/quadrinhos/2019/05/01/NWS,103421,71,650,DIVERSAO,2330-MINHA-COISA-FAVORITA-MONSTRO-TRAZ-FORCA-NARRATIVA-TERROR-INCOMUM.aspx> acesso em 05/01/2020

No exemplo 8 “dar cartão vermelho” é usado de forma menos composicional uma vez que, nesse caso, há de fato um cartão vermelho que está sendo levantado para sinalizar a expulsão de um jogador. No segundo exemplo, a mesma expressão é usada em um sentido menos literal e, portanto, menos composicional uma vez que não há nenhum cartão vermelho de fato, mas apenas a ideia de exclusão que o cartão vermelho representa no jogo de futebol.

Ressaltamos, entretanto, que, apesar de haver uma variação do grau de composicionalidade, a depender do contexto, em ambos os casos a expressão não é composicional. Dessa forma, estamos considerando que o parâmetro de composicionalidade é gradual, podendo haver, assim, diferentes graus de composicionalidade

No contexto esportivo, ainda que haja literalmente um cartão vermelho sendo levantado, o sentido da expressão não se restringe apenas ao ato de dar um cartão vermelho a alguém. O verbo “dar” ocupa a posição de um verbo suporte que acompanha o termo não verbal “cartão

vermelho”. Essa expressão, portanto, tem um significado diferente do que o simples ato do juiz levantar o cartão vermelho ao jogador, ela significa expulsar o jogador de campo; também não diz respeito ao ato de transferência a que o verbo predicador dar é um lexema frequentemente associado (não é transferir-lhe um cartão vermelho).

Com isso, podemos dizer que, em ambos os casos, a expressão não é composicional. Isso se deve ao próprio verbo suporte que, ao ocupar essa função revela um esvaziamento semântico, e também se deve ao sentido mais amplo que o ato de mostrar um cartão vermelho para um jogador durante uma partida de futebol possui; entretanto, também não podemos deixar de considerar que há uma gradação no grau de composicionalidade que varia de acordo com o contexto em que a expressão se encontra.

Essa variação do nível de composicionalidade não ocorre apenas com a expressão “dar cartão vermelho”. Observamos o mesmo nas expressões: “dar cartão amarelo”; “bater bola”; “bater uma bolinha”; “marcar gol”; “marcar golaço”, “levantar bola”; “marcar escanteio”; “fazer gol”; “fazer golaço”; “dar drible”; “bater pênalti” e “bater escanteio”.

Exemplo 10: Indagado se há algum tema da reforma que o governo não aceita negociar, Bolsonaro negou. “O Parlamento é soberano para fazer os polimentos, tirar alguma coisa. A gente gostaria que passasse como chegou, mas sabemos que vai ter mudança”, reconheceu. “Quem vai **bater o pênalti** é a Câmara dos Deputados e, depois, o Senado”, ressaltou. <https://www.metropoles.com/mundo/politica-int/bolsonaro-sobre-previdencia-quem-vai-bater-o-penalti-e-a-camara> Acesso em 31/05/19

Exemplo 11: Zagueiro do Paysandu **bate pênalti** de forma bizarra na final da Copa Verde e vira piada na web. <https://www.torcedores.com/noticias/2019/11/zagueiro-paysandu-erra-penalti-de-forma-bizarra-e-vira-piada> acesso em 05/01/2020

Algumas das expressões estudadas, contudo, não demonstraram essa diferença de composicionalidade de acordo com o contexto. Essas expressões são: “dar/levar carrinho”; “dar/levar pedalada”; “dar/levar balão”; “dar/levar caneta”; “fazer chuveirinho”; “fazer gol de bicicleta”; “fazer fila”; “dar/levar chapéu”; “dar/levar lençol”; “tomar frango”; “levar meia lua” e “pendurar as chuteiras”. Todas essas expressões se mostraram igualmente não composicionais em todos os contextos em que elas apareceram em nossa amostra, como ilustra os exemplos 12 e 13.

Exemplo 12: Depois das bolas nas costas, Moro **leva carrinhos** no jogo da política. <https://amazonasatual.com.br/depois-das-bolas-nas-costas-moro-leva-carrinhos-no-jogo-da-politica/> acesso em 23/05/19

Exemplo 13: E foi então que, quando tudo parecia mais feio do que o horrendo uniforme com que jogamos, Hernanes acreditou numa bola perdida, **deu um carrinho** e a ganhou uma, duas vezes para entregá-la a Edimar, que chuveirou na área. <http://saopaulofc.com.br/2017/10/adeus-z-4/> acesso em 05/10/17

A partir desse resultado, portanto, observamos que, como já apontava nossa hipótese inicial, o contexto, de fato, interfere no grau de composicionalidade das expressões. Como já esperávamos, expressões fora do contexto esportivo se mostraram menos composicionais se comparadas suas ocorrências dentre e fora desse contexto.

Uma característica das expressões fora do domínio esportivo é que elas quase sempre apresentam uma metáfora conceptual de jogada, disputa. Tal característica propicia uma transposição das expressões em questão para esses contextos menos prototípicos.

Outra característica desses textos é o fato de que eles ocorrem, no geral, relacionados a assuntos políticos. A conclusão a que isso nos leva é a de que o cenário político é facilmente comparado a uma cena de jogo e/ou de embate (de ideias), o que, conseqüentemente, favorece a ocorrência dessas expressões.

Tais resultados confirmam a hipótese inicial de que fatores cognitivos e pragmáticos também estariam em jogo ao realizar a transposição dessas expressões para diferentes domínios discursivos, influenciando, dessa forma, o sentido das expressões e, por consequência, o grau de composicionalidade.

3.3. Mudança, estabilidade e variação

Como descrito na seção anterior, as expressões estudadas são não composicionais em ambos os domínios, ainda que possa haver uma distinção quanto ao nível de não-composicionalidade na comparação entre elas. Há algumas expressões, entretanto, que se revelam mais cristalizadas, se assemelhando a chunks. Possivelmente resultam ainda de um processo de construcionalização lexical.

Um exemplo disso são as expressões “pendurar as chuteiras” e “fazer 7 a 1”. No caso da expressão “fazer 7 a 1” não há a possibilidade de qualquer outra forma de preenchimento dos *slots* que seja capaz de gerar o mesmo significado. Apesar de expressões com placar terem aparecido dezessete vezes no *corpus*, somente a construção “fazer 7 a 1” tem o sentido específico de “dar uma goleada”, uma vez que essa expressão começou a aparecer somente após a vitória da Alemanha no jogo contra o Brasil na copa de 2014. Nesse caso, constata-se uma mudança construcional, pois uma microconstrução licenciada por pareamento forma-função já existente (fazer x a y, estado de coisas que representa a disposição de gols por equipe num placar) sofreu alterações na sua função mantendo completamente a forma, (sem a possibilidade de qualquer modificação nesta).

No caso da expressão “pendurar as chuteiras, há um sentido que se mantém: a ideia de que há alguém se aposentando. Mesmo que haja modificação em sua forma como, por exemplo, “pendurar as raquetes”¹ o sentido de aposentadoria se mantém. Portanto, há novamente outro caso de mudança construcional, pois a expressão já cristalizada “pendurar as chuteiras” com um significado de “alguém estar se aposentando”, pode sofrer uma pequena alteração em sua forma como em “pendurar as raquetes” e, ainda assim, manter o mesmo sentido, havendo, portanto, alteração na forma, mas não no sentido da construção. Na verdade, esse fato revela que, uma vez entrincheirado na mente dos indivíduos de uma comunidade, eles começam a se valer de novas possibilidades de compatibilização de lexemas ao recrutar o padrão construcional para exprimir uma proposição, apostando que seu interlocutor processará também com base nessa convencionalização.

Em relação a casos de variação nas expressões estudadas, observa-se que em algumas construções pode haver variação na escolha do verbo para o preenchimento do slot reservado ao verbo suporte. Em construções como: V_{(semi)suporte} + falta, pênalti, escanteio ou tiro de meta, por exemplo, o slot do verbo suporte pode ser preenchido por *cobrar* ou *bater* sem alteração de sentido. O mesmo ocorre em expressões desse tipo na qual o slot reservado para o elemento não verbal é preenchido por *drible*, *finta*, *passe*, *chapéu*, *lançamento* ou *enfiada*. Nesse caso o slot reservado ao verbo suporte poderá ser preenchido tanto pelo verbo *dar*

1 Como em exemplo do tipo: “Depois de **pendurar as raquetes**, Dementieva vira apresentadora em TV russa. Ex-tenista ancora programa sobre a liga de hóquei, um dos esportes mais populares e tradicionais de seu país.” (https://revistatenis.uol.com.br/artigo/depois-de-pendurar-as-raquetes-dementieva-vira-apresentadora-em-tv-russa_7304.html)

como pelo verbo *fazer* sem apresentar alteração de sentido como mostra os seguintes exemplos:

Exemplo 14: Autor dos dois gols pontepretanos, o atacante de 38 anos ainda recebeu um cartão amarelo ao reclamar do árbitro quando tentou **cobrar uma falta rápida** e o lance não foi válido. <https://m.futebolinterior.com.br/noticias/gilson-kleina-critica-arbitro-e-pede-atitude-da-diretoria-pontepretana> acesso em 05/01/2020

Exemplo 15: Em Porto Alegre, Fernandinho **bateu falta** e Barrios abriu o placar para o Grêmio. <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/pela-libertadores-gremio-bate-botafogo-e-santos-perde-em-casa/> acesso em 05/01/2020

Exemplo 16: Aos 24 minutos, Trélez recebeu na frente, **fez o drible** em Victor e colocou na área para Yago, que mandou para o fundo do gol. <https://www.portalamirt.com.br/radio-minas/vitoria-derrota-atletico-sobe-tres-posicoes-e-deixa-a-zona-de-rebaixamento/> acesso em 05/01/2020

Exemplo 17: Em dois deles, teve lances memoráveis: diante do RB Brasil, no Paulistão, quando **deu drible desconcertante** em Thallyson. <http://www.tudotimao.com.br/news.asp?nID=122711> acesso em 05/01/2020

Observa-se a partir dos exemplos acima que as expressões “cobrar uma falta” e “bater uma falta” se apresentam como formas variantes, pois podem ser usadas com o mesmo sentido, o mesmo ocorre com as expressões “fazer drible” e “dar drible” que também podem ser empregadas com o mesmo sentido.

4. CONCLUSÃO

Nesse trabalho, foi possível observar que, como já esperávamos, expressões com verbo suporte indicativas de uma jogada esportiva são muito recorrentes no português, principalmente no contexto esportivo. Apesar de no contexto esportivo essas expressões serem bem mais recorrentes, estas também se mostraram frequentes em outros domínios discursivos.

O fato de esses dados terem sido encontrados, principalmente, em sites de jornais, revista e blogs, nos sugere que tais expressões estão mais associadas a uma linguagem mais informal.

Por haver, na nossa língua, uma relação metafórica entre política e competição, o domínio discursivo em que essas expressões mais ocorreram, depois do contexto esportivo, foi o político. O que também, em certa medida, já esperávamos.

Em relação à classificação dos verbos encontrados, observamos uma grande ocorrência do verbo *fazer* como verbo suporte e uma grande ocorrência de outros verbos que, segundo a definição de MACHADO VIEIRA (2014), são classificados como verbo semissuporte.

Em relação à rede de padrões construcionais à qual as expressões estudadas estão ligadas, foi possível observar que as construções em questão são licenciadas pela seguinte construção de predicador complexo: [V(semi)suporte + elemento não verbal]_{predicador verbal} Participante_n, em que este pode ser igual a um ou mais.

Também observamos nessa pesquisa que algumas das construções estudadas já estão sofrendo mudanças. Há expressões que já se configuram como um chunk por se apresentarem como expressões estrutural e semanticamente cristalizadas. Algumas das construções estudadas também demonstraram ter passado por mudanças construcionais por sofrerem alterações em sua forma, que não implicam propriamente alterações em sua significação, e outras por sofrerem mudança em sua função.

Esperamos, com esse trabalho, contribuir com um mapeamento de predicções usadas no português brasileiro, uma vez que os dados aqui estudados são muito recorrentes na língua inclusive pelo fato de virem de uma linguagem empregada no esporte mais conhecido do país. Nossa contribuição também se revela na observação empírica de ocorrências da construção que envolve itens lexicais do Português que se ligam à categoria de verbo semissuporte (poucas vezes referida na literatura). E, por fim, está na categorização e representação em rede de dados oriundos de microconstruções licenciadas pela construção com verbo (semi)suporte.

REFERÊNCIAS

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010

BYBEE, Joan; MODER, Carol Lynn. *Chunking and changes in compositionality in context*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017

DIEWALD, Gabriele. *Context types in grammaticalization as constructions*. *Constructions*, Düsseldorf. 2006.

FRIED, Mirjam. *Principles of constructional change*. In Graeme Trousdale & Thomas Hoffmann (eds.) *The Oxford handbook of Construction Grammar*. Oxford University Press. 2013. Final preproof version.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford, 2006.

GOLDBERG, A. *Compositionality*. In N. Riemer (ed.) *Semantics Handbook*. Routledge, 2016.

MACHADO VIEIRA, Márcia dos Santos. *Idiomatismo em construções com verbo suporte do Português*. Rio de Janeiro: Revista SOLETRAS, 2014.

MACHADO VIEIRA, Márcia dos Santos. *Predicar com construção com verbo suporte*. Rio de Janeiro: Blucher, 2018

MACHADO VIEIRA, Márcia dos Santos, et al. *Variação construcional por analogia: padrões construcionais de predicação verbal na voz passiva*. Rio de Janeiro: Revista SOLETRAS, 2019

MATEUS, Maria Helena Mira, et ali. Gramática da língua portuguesa. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

RAPOSO, Eduardo Paiva B., NASCIMENTO, Maria Fernanda Bacelar do; MOTA, Maria Antónia Coelho da; SEGURA, Luísa, Amália MENDES, com colaboração de Graça VICENTE e Rita VELOSO (org.) Gramática do Português. Vol. I e II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

TRAUGOTT, E. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: 54 ECKARD, R. et al (eds) Variation, Selection, Development – Probing the Evolutionary Model of Language Change. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 219-250, 2008.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. & TROUSDALE, Graeme. Constructionalization and Construction changes. Great Britain: Oxford University Press, 2013.

TROUSDALE, G. Construction Grammar. In: M Kyto & P Pahta (eds), *The Cambridge Handbook of English Historical Linguistics*. Cambridge Handbooks in Language and Linguistics, Cambridge University Press, Cambridge. 2016.

